

Escolha de brinquedos seguros para casa, ambulatório e hospital

Safe toys choices to home, ambulatory and hospital

Renata Dejtiar Waksman¹, Maria de Jesus C. S. Harada²

RESUMO

Objetivo: Apresentar algumas funções dos brinquedos, sua importância em consultórios e ambiente hospitalar e recomendações sobre segurança, além de contribuir com informações atuais e de ordem prática sobre a escolha apropriada dos brinquedos.

Fontes de dados: Revisão e análise crítica sobre as funções do brinquedo nas instituições de saúde (hospital e consultório), sua importância para a criança nesses ambientes e recomendações quanto à escolha e manutenção com segurança.

Sínteses dos dados: São descritas as principais medidas de segurança para o uso de brinquedos, desde a seleção, supervisão, manutenção e armazenamento, além das orientações sobre limpeza que devem ser implementadas nos ambientes de saúde. Informa ainda a importância da equipe de saúde em estimular a atividade de brincar, incorporando-a como filosofia de seu cuidado, além de participar de todas as etapas que envolvem a escolha segura dos brinquedos, uma vez que as instituições de saúde devem servir de exemplo do que postulam, promovendo a saúde da criança no seu sentido mais amplo, ou seja, deslocando o foco de atenção do indivíduo para o ambiente e para os profissionais que dele participam.

Conclusões: É necessário informar aos pais e profissionais da área de saúde sobre a função dos brinquedos e sua importância na vida da criança, frente ao seu desenvolvimento físico, intelectual e social. Ressaltam-se, neste cenário, as medidas de prevenção, mostrando que podem ser incorporadas no dia-a-dia, de forma simples e econômica.

Palavras-chave: Brinquedos, prevenção de acidentes, pediatria.

ABSTRACT

Objective: To introduce some of the toys functions, its importance at medical offices and hospital and recommendations about safety, contributing with current and practical information about the appropriate choices of toys.

Sources: Review and critical analysis about toys functions on health institutions (hospital and medical offices), its importance for the child on those environments and recommendations concerning choice, maintenance and safe use.

Data synthesis: The main specific security measures for the use of toys in health environments are described, regarding selection, supervision, maintenance, storing, and guidance for cleaning. It is emphasized the importance of playing, considering this activity as a main part of the health care of children. Health care professionals should participate in the safe choice of toys, promoting child's health in its most wide sense by changing the attention focus from the individual to the child's environment and to the professionals that participate in this care.

Conclusions: It is necessary to inform parents and health professionals about toys functions and their importance on child's life, concerning his physical, intellectual and social development. In this scenario, the importance of safety measures is stressed.

Key-words: Playthings; injury prevention, pediatrics.

¹Doutora em Pediatra pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Presidente do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Médica do Departamento de Pediatria, Hospital Israelita Albert Einstein

²Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro do Departamento de Segurança da Criança e Adolescente Sociedade de Pediatria de São Paulo

Endereço para correspondência:
Renata Dejtiar Waksman
Rua João de Souza Dias, 881, apto. 21
CEP 04618-003 – São Paulo/SP
E-mail: hwaksman@uol.com.br
Recebido em: 28/3/2005
Aprovado em: 6/5/2005

Introdução

Etimologicamente, a palavra brincar deriva do latim *brinco*, que significa estabelecer laços, ligar-se. Brincar é um ato essencial na vida da criança, que alicerça seu desenvolvimento emocional, psicológico e social, favorecendo o estabelecimento de uma relação rica e satisfatória consigo mesma, com outras crianças e com os adultos que lhe são próximos, ou não⁽¹⁾.

A cada ano, são fabricados e comercializados milhares de brinquedos diferentes. Anualmente, 3 bilhões de brinquedos e jogos são vendidos nos Estados Unidos da América, mas um grande número deles pode trazer, junto com sua proposta lúdica, de entretenimento e de alegria, riscos em potencial para a segurança da criança^(2,3). Dentre os acidentes mais freqüentes, destacam-se: asfixiação ou ingestão, queimadura, choque elétrico, acidente de captação (dedos, roupas, cabelos – provocados por molas, rodas denteadas ou dobradiças), explosão, intoxicação, laceração, acidente com projéteis e estrangulamento^(4,5).

Embora a maioria dos brinquedos seja segura, podem se tornar perigosos quando não são respeitados os critérios de sua utilização, a adequação por idade e, mais importante ainda, a fase do desenvolvimento em que se encontra a criança. Torna-se importante, neste contexto, pensando na redução e gravidade dos acidentes não intencionais, a seleção apropriada dos brinquedos, combinada com a supervisão dos pais^(6,7).

É oportuno lembrar a responsabilidade de um aconselhamento adequado, realizado por profissionais que cuidam de crianças, como pediatras, enfermeiros, pedagogos, professores, terapeutas ocupacionais, auxiliares de desenvolvimento, a respeito dos riscos ambientais, de comportamento e de utilização de brinquedos, com o objetivo de alertar os pais e crianças para essas questões e, conseqüentemente, diminuir o número de vítimas de acidentes^(1,8).

Crianças menores de quatro anos constituem-se em população de risco para asfixiação, sufocação e engasgo, que podem acontecer relacionados a brinquedos, uma vez que lactentes e crianças pequenas têm o desejo natural de colocarem tudo na boca, aliado ao fato de possuírem pequenos espaços de passagem de ar no trato respiratório superior. Esse tipo de acidente é responsável pela maioria das mortes e lesões nesta faixa etária^(3,4).

Felizmente, a maioria dos acidentes relacionados com brinquedos traz pequena repercussão para a saúde das crianças. Aproximadamente 97% das crianças atendidas nos serviços de Emergência Hospitalar por acidente relacionada a

brinquedos são tratadas e recebem alta após o atendimento⁽³⁾. Apesar disso, mortes também podem ocorrer e, de fato, vêm sendo notificadas. Segundo o *National Safe Kids Campaign*⁽³⁾, em 2002, ocorreram 13 casos de óbito em menores de 14 anos devido a lesões relacionadas a brinquedos, sendo que mais da metade deles ocorreram em crianças com menos de 4 anos. Estimativas apontam mais de 165.200 crianças com idade inferior a 14 anos atendidas em Unidades de Emergência Hospitalar devido a esses acidentes, perfazendo um custo total anual de aproximadamente US\$385 milhões⁽³⁾.

A morbimortalidade específica por acidentes relacionados a brinquedos em nosso país não é conhecida, mas acidentes e violências (causas externas) atualmente representam a primeira causa de mortalidade em crianças e adolescentes a partir de um ano de idade, superando as doenças respiratórias, sendo a segunda causa de internação a partir dos 15 anos, superada apenas pelas internações relacionadas à gestação, parto e puerpério⁽⁹⁾.

A discussão sobre essas questões no Brasil ainda é recente. Um marco importante foi a publicação da Portaria MS/GM Nº737, que trata da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências. Essa Portaria define as diretrizes de promoção da adoção de comportamentos e de ambientes seguros e saudáveis; monitorização da ocorrência de acidentes e de violências; sistematização, ampliação e consolidação do atendimento pré-hospitalar; assistência interdisciplinar e intersetorial às vítimas de acidentes e de violências; estruturação e consolidação do atendimento voltado à recuperação e à reabilitação; capacitação de recursos humanos e apoio ao desenvolvimento de estudos e pesquisas⁽¹⁰⁾.

Vale lembrar ainda que a ocorrência dos acidentes não está restrita à população de menor poder aquisitivo, em que a mortalidade por acidentes é mascarada pelos problemas que advêm da exclusão social. Os acidentes envolvem todas as classes sociais e todas as faixas etárias, com características específicas para cada uma delas.

Com a preocupação da segurança dos brinquedos em mente, é importante voltar a ressaltar a importância do brincar para qualquer criança, o que inclui a criança hospitalizada. Contextualizando a função dos brinquedos, dos jogos e das brincadeiras para a criança hospitalizada, observa-se que esses favorecem e asseguram a continuidade do seu desenvolvimento, como também podem ajudá-la a encontrar um sentido de normalidade em um ambiente estranho e amedrontador. Muitos estudos demonstram que a tensão e o estresse da criança aumentam quando o hospital não oferece recursos para que ela desenvolva essa atividade natural, afirmando

que, quando lhe falta oportunidade para brincar, a criança com frequência recorre a um comportamento destrutivo e agressivo, introjetando medos e sofrimento que podem perdurar até sua vida adulta⁽¹¹⁻¹³⁾. Ao brincar no hospital, a criança altera o ambiente em que se encontra, aproximando-o da sua realidade cotidiana, sendo um recurso adequado para sua adaptação, que permite personalizar a intervenção e traz efeitos positivos em relação à sua internação⁽¹⁴⁾.

Nos últimos anos, observam-se mudanças no ambiente hospitalar, nos padrões do que é oferecido às crianças em relação ao ato de brincar, destacando-se a implantação de brinquedotecas em hospitais públicos e privados. No Brasil, a primeira delas foi montada pela Associação de Pais e Amigos de Excepcionais - APAE, em 1973, voltada a crianças portadoras de deficiência mental. Após essa experiência pioneira, as brinquedotecas multiplicaram-se no país⁽¹⁵⁾. Neste contexto, reafirma-se a importância da divulgação e da implementação das medidas de segurança específicas de brinquedos no ambiente hospitalar⁽¹⁶⁾. A equipe de saúde deve favorecer momentos para a atividade de brincar, incorporando-a como filosofia de seu cuidado. Essa equipe deve participar de todas as etapas que envolvem a escolha adequada e segura dos brinquedos, uma vez que o hospital precisa ser exemplo do que postula, promovendo a saúde da criança no seu sentido mais amplo, ou seja, deslocando o foco de atenção do indivíduo para incluir o ambiente e os profissionais que dele cuidam.

Os brinquedos devem oferecer segurança para todas as idades, em todos os ambientes que as crianças frequentam, inclusive em consultórios, ambulatórios e hospitais. O ambiente que presta assistência à criança e ao adolescente deve ter como regra a humanização do atendimento e a segurança de sua clientela. O primeiro passo nessa direção é o planejamento do ambiente físico, de modo que atenda às características do desenvolvimento e da maturidade das crianças e esteja em harmonia com as necessidades da família e equipe de saúde⁽¹⁶⁾.

Práticas de segurança de brinquedos

As práticas de segurança com brinquedos estão alicerçadas em quatro princípios básicos: **seleção**, **supervisão**, **manutenção** e **armazenamento**^(8,17-25).

1. **Seleção:** em consultórios, os brinquedos devem encorajar a criatividade e “distrair” as crianças; livros e revistas devem estar disponíveis para as diversas faixas etárias. Para selecionar os brinquedos, é importante considerar

a idade, as habilidades, as capacidades e o interesse das crianças. A qualidade do brinquedo precisa ser avaliada e preconiza-se a obediência às recomendações do fabricante sobre segurança. Para lactentes, evitar brinquedos com partes pequenas, disponibilizando apenas aqueles que não contenham peças pequenas destacáveis, que podem oferecer risco de sufocação ou aspiração. Para facilitar a identificação desses brinquedos, pode-se utilizar “testadores” de peças pequenas, como, por exemplo: aquelas peças que couberem dentro de uma caixa de filme fotográfico não devem ser disponibilizadas para crianças menores de 4 anos. De maneira geral, selecionar brinquedos leves, que não causarão perigo caso caiam sobre a criança; certificar-se de que os materiais dos brinquedos são atóxicos; evitar brinquedos que produzem ruídos altos ou estridentes ou brinquedos com pontas, bordas afiadas ou que possuam qualquer objeto de arremesso ou lançamento, quando se trata de crianças menores de 5 anos; e evitar brinquedos com correntes, tiras e cordas com mais de 15 cm. É importante escolher brinquedos projetados e fabricados com superfícies e dimensões de fácil higiene, favorecendo assim sua limpeza. É recomendável desencorajar brinquedos com a forma de armas ou outros que promovam a violência e evitar aqueles que estimulem estereótipos raciais, étnicos, culturais ou sexuais.

2. **Supervisão:** supervisionar os lactentes de perto durante as brincadeiras; remover e descartar imediatamente os envoltórios de plástico e embalagens dos brinquedos; após brincadeiras com balões, estes devem ser descartados juntamente com eventuais pedaços — os balões e bexigas favorecem um grande risco de asfixia, adultos devem supervisionar seu uso em menores de 6 anos; manter caixas e acolchoados longe de janelas, varandas e portas, para não servirem como meio de escalar ou cair; ensinar as crianças a usar os brinquedos de forma apropriada e segura; instruí-las sobre segurança com eletricidade (puxe a tomada e não o fio). Brinquedos dirigidos pela criança não devem ser usados próximos às escadas, ruas, piscinas etc. É importante instruir as crianças com mais idade a manter seus brinquedos fora do alcance dos irmãos e amigos mais jovens.
3. **Manutenção:** inspecionar os brinquedos novos e antigos com regularidade; observar rupturas, partes soltas e outros riscos potenciais; fazer os reparos imediatamente ou tirá-los do alcance das crianças; usar tintas atóxicas para repintar brinquedos, caixas ou móveis de crianças; e

verificar as partes móveis, para certificar-se de que estão presas com segurança.

4. **Armazenamento:** fornecer um local seguro para que as crianças guardem seus brinquedos; selecionar um baú ou caixa para armazenamento de brinquedos que seja ventilada, isenta de dispositivos de travamento que possam prender os dedos ou cair sobre a cabeça da criança; ensinar as crianças a guardar os brinquedos após o uso, de modo a evitar lesões quando tropeçam, escalam ou caem sobre eles. Brinquedos destinados a crianças com mais idade devem ser guardados em prateleiras altas ou em armários fechados.

Recomendações de Limpeza dos Brinquedos em Ambientes de Saúde^(8,25,26)

1. **Em consultórios:** a medida mais simples, altamente eficaz e reconhecida como de grande valor para a prevenção, é a lavagem das mãos com água e sabão. A área do consultório, quanto ao risco potencial de transmissão de infecção, é considerada semicrítica, representando menor risco de transmissão, pois é ocupada, na maioria das vezes, por pacientes portadores de doenças não infecciosas, ou de baixa transmissibilidade. A limpeza do chão, antes do início das atividades, deve ser feita com água e detergente líquido; as mesas e banquinhos, com pano umedecido em igual solução; o tampo das mesas deve ser higienizado com álcool; os brinquedos de plástico e borracha devem ser lavados semanalmente com água e sabão neutro e, nos demais brinquedos e prateleiras, a retirada do pó deve ser feita com pano umedecido em água⁽²⁵⁾.
2. **No ambiente hospitalar:** optar por brinquedos que possam ser fácil e rotineiramente higienizados. É ne-

cessário existir uma rotina desenvolvida junto à equipe, respeitando as normas institucionais, como, por exemplo, com a Comissão de Prevenção e Controle de Infecções Hospitalares (no que diz respeito às soluções utilizadas), com a equipe de enfermagem (relacionada ao treinamento da pessoa responsável por este procedimento, estabelecendo a periodicidade e checagem desse procedimento), com o serviço de apoio (para possível manutenção) e com o setor de compras (para destacar a composição e detalhes dos brinquedos). Segundo a Consumer Product Safety Commission (www.cpsc.gov/cpscpub/pubs/285.pdf), os brinquedos devem ser limpos rotineiramente, quando possível. Toda vez que entrarem em contato com saliva ou outra secreção corporal, devem ficar imersos em uma solução de hipoclorito a 10% (diluído diariamente - 1 colher de chá de hipoclorito em um litro de água) durante dois minutos. Após este processo, deve-se enxaguar e secar ao ar^(8,24). O brinquedo pode ser contagioso, mas é um contágio de divertimento, pois mesmo a criança doente é capaz de demonstrar seu desejo de brincar e, a partir de um pequeno estímulo, tentar vincular-se com as pessoas à sua volta e com o ambiente⁽²⁵⁾.

Recomendações sobre Etiquetas, Legendas e Embalagens

Além das recomendações acima descritas, a regulamentação técnica do Mercosul GMC/RES. N° 23/04 aborda várias exigências essenciais de segurança de brinquedos, no que se refere à sua comercialização. No entanto, vale a pena destacar alguns itens para que se amplie o escopo das recomendações acima descritas e, conseqüentemente, a segurança de nossas crianças e jovens⁽²⁷⁾.

1. **Etiquetas:** as etiquetas e as embalagens dos brinquedos, assim como as instruções que os acompanham, devem alertar de forma eficaz e completa os usuários ou seus responsáveis sobre os riscos decorrentes do seu uso e a forma de evitá-los.
2. **Legendas:** as legendas e as advertências das embalagens devem ser escritas no idioma oficial do país com letras maiúsculas, permitindo sua visualização fácil.

Os brinquedos que são impróprios para crianças menores de três anos deverão conter a palavra “ADVERTÊNCIA”, seguido da frase “NÃO É RECOMENDADO PARA CRIANÇAS MENORES DE TRÊS ANOS” (Figura 1).



Figura 1 – Símbolo de advertência de brinquedos impróprios para menores de 3 anos

Jogos de experimentos químicos ou atividades relacionadas que contêm substâncias consideradas perigosas devem apresentar em suas embalagens o nome das substâncias e o símbolo que indique o perigo respectivo, conforme exemplificado na Figura 2.

3. **Embalagens:** as embalagens de plástico flexível, que podem gerar o risco de asfixia ou que contenham grampos, fechos metálicos, bordas cortantes ou pontas afiadas, devem ser abertas por um adulto e, só depois disso, o produto deve ser oferecido à criança. Tintas com base aquosa precisam trazer em sua embalagem a advertência de que seu uso não é recomendado para menores de 8 anos, sem a supervisão de um adulto, devendo ser conservadas conforme orientação do fabricante. É preciso cuidar para que a tinta não entre em contato com a boca, olhos e para a criança não inalar possíveis vapores ao manuseio. Vale lembrar que no Brasil existe também a norma técnica ABNT 11786, que trata exclusivamente da segurança dos brinquedos fabricados e comercializados no país. Além disso, a Associação Brasileira de Normas Técnicas testa o brinquedo em simulações relativas às situações comuns e extremas de emprego dos brinquedos no dia-a-dia (atirar, puxar, pisar no brinquedo etc.). O Instituto Brasileiro de Qualificação e Certificação tem um programa de certificação de qualidade do produto, que resulta num selo de garantia para os brinquedos testados. Vale a pena conferir esses itens antes da aquisição de brinquedos para o ambiente hospitalar.

Considerações Finais

É importante lembrar que os brinquedos disponíveis em consultórios, brinquedotecas, hospitais e creches geralmente servem de modelo para os pais. Dispor de cartazes sobre segurança e prevenção de acidentes é aconselhável e devem estar em áreas de destaque nos locais em que a criança é atendida ou cuidada.

É necessário dirigir aos pais informações sobre os brinquedos e sua importância na rotina de vida da criança, frente ao seu desenvolvimento físico, intelectual e social. Neste cenário, as medidas de prevenção precisam ser incorporadas pelo pediatra no seu dia-a-dia, aproveitando a oportuni-

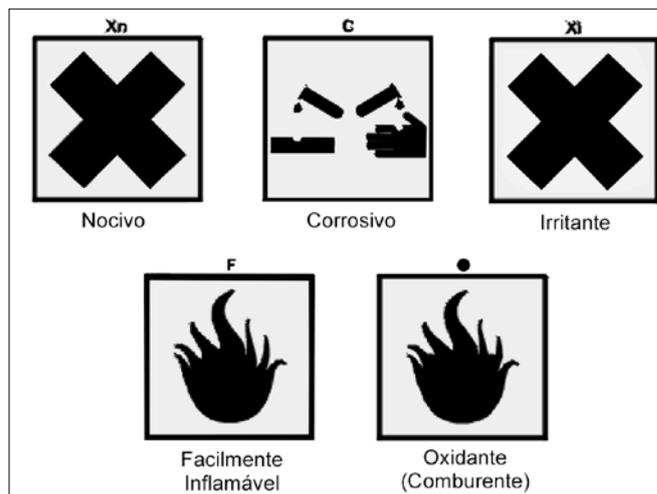


Figura 2 – Símbolos de advertência para brinquedos que contêm substâncias perigosas.

de para discutir a importância de um ambiente doméstico seguro e saudável⁽²⁵⁾.

Em relação às estratégias que devem ser utilizadas na prevenção de lesões relacionadas a brinquedos⁽²⁶⁾, destacam-se:

1. Crianças devem utilizar somente brinquedos apropriados para sua idade.
2. Crianças devem ser supervisionadas enquanto brincam.
3. Pais e responsáveis devem assegurar um ambiente seguro e adequado.
4. Devido à maior incidência de lesões em cabeça e face, brinquedos que arremessem ou lancem componentes devem ser evitados.
5. Devido ao grande risco de aspiração, engasgo e sufocação, brinquedos que destaquem partes ou componentes devem ficar longe do alcance de crianças pequenas.

A incorporação de estratégias sobre prevenção de acidentes parece ser mais eficaz e encontra maior adesão quando as instruções são transmitidas de forma específica, ao se direcionar o foco a que se propõe. Acreditamos que as informações abordadas neste texto constituem um elo importante entre indústria, comércio, profissionais da saúde/educação e pais quanto à segurança da criança e do adolescente e, certamente, vêm contribuir no processo de enfrentamento da questão atual do nosso país, que é a redução da morbimortalidade por causas externas.

Referências bibliográficas

1. Waksman RD, Harada MJCS. Escolha de brinquedos seguros e o desenvolvimento infantil. *Rev Paul Pediatría* 2005;23:41-8.
2. Wong DW. Papel do jogo e brincadeira no desenvolvimento. In: Wong DW, editor. *Enfermagem pediátrica - elementos essenciais à interação efetiva*. 5º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1999. p. 73-92.
3. National Safe Kids Campaign. Injury Facts. Toy Injury. Disponível: [3 telas] http://www.safekids.org/tier3_cd.cfm?folder_id=540&content_item_id=1212. Acessado 28/04/2005.
4. Division of Unintentional Injury Prevention, National Center for Injury Prevention and Control, Toy-Related Injuries among Children and Teenagers- United States, 1996. *J Am Med Assoc* 1998;4:265.
5. US Consumer Product Safety Commission. A description of the injury or potential injury incident database (IPII). Bethesda: US Consumer Product Safety Commission, 9/02/2003.
6. Harada MJCS, Kobel JL. Requisitos para um ambiente seguro na creche e pré-escola. In: Santos LES, editor. *Creche e pré-escola uma abordagem de saúde*. 1ª ed. São Paulo: Artes Médicas; 2004. p. 159-64.
7. Harada, MJCS. *Recomendações - Atualização de Condutas em Pediatria*. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo, 2002. (Folhetos).
8. Glassy D, Romano J, Committee on Early Childhood, Adoption, and Dependent Care. Selecting appropriate toys for young children: the pediatrician's role. *Pediatrics* 2003;111:911-3
9. Brasil. Ministério da Saúde [site na Internet]. Sistema de Informações sobre Mortalidade. Óbitos por ocorrência segundo faixa etária. Capítulo CID-10:XX. Causas externas de morbidade e mortalidade Brasil; 2002. Acesso em 12 de abril de 2005. [aproximadamente 3 telas]. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obtu.def>
10. Brasil. Ministério da Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Portaria MS/GM nº 737 de 16/05/01. [Publicada no Diário Oficial da União; 2001; Maio 18].
11. Jesse PO. Nurses, children and play. *Issues Compr Pediatr Nurs* 1992;15:261-9.
12. Ribeiro CA. Crescendo com a presença protetora da mãe: A criança enfrentando o mistério e o terror da hospitalização. [Tese Doutorado]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1999.
13. Ribeiro CA. O efeito da utilização do brinquedo terapêutico pela enfermeira pediatra sobre o comportamento de crianças recém hospitalizadas. [Tese Mestrado]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1986.
14. Motta AB, Enumo SRF. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Psicologia em estudo* 2004;9:19-28.
15. Vaz JC. Brincar é um direito da criança. [aproximadamente 3 telas] Disponível. <http://federativo.bndes.gov.br/dicas/D022.htm>. Acessado em 28/04/2005.
16. Pfeifer L, Blank D. Normas básicas de segurança nos ambientes de atenção à saúde: ambulatorial e hospitalar. In: Campos JA, Paes CEN, Blank D, Costa DM, Pfeifer L, Waksman RD. *Segurança da criança e do adolescente*. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2004. p. 53-62.
17. Shelov SP, Editor-in-Chief, Hannemann RE, Associate Medical Editor. American Academy of Pediatrics. *The Complete and Authoritative Guide. Caring for your Baby and Young Child. Birth to age 5*. New York: Bantham Books; 2003.
18. Pearlman EM, Ganon JA. *Raising twins. From birth through adolescence*. 1ª ed. New York: Harper Collins; 2000.
19. Green M. *Bright Futures: guidelines for health supervision of infants, children and adolescents*. 1ª ed. Bethesda: National Center for Education in Maternal and Child Health; 1994.
20. Toy Manufacturers of America. *Toy industry fact book: 1997-1998*. New York: Toy Manufacturers of America; 1997.
21. US Consumer Product Safety Commission. *Corrective action handbook*. Bethesda: US Consumer Product Safety Commission; 1988.
22. American Academy of Pediatrics, American Public Health Association, Maternal and Children Health Bureau. *Caring for our children: national health and safety performance standards - guidelines for out-of-home care*. 2 ed. Elk Grove Village: American Academy of Pediatrics; 2002.
23. American Academy of Pediatrics. *Toy Safety: Guidelines for parents, parts I and II*. Elk Grove Village: American Academy of Pediatrics; 1994.
24. Goodson B, Bronson MB. *Which toy for which child: a consumer's guide for selecting suitable toys, ages birth through five*. Washington, DC: Consumer product safety commission. Acesso em 12 de abril de 2005. (aproximadamente 31 telas). Disponível em: www.cpsc.gov/cpscpub/pubs/285.pdf
25. Novaes LHVS, Isaacsson CB, Sandrini AH, Gruber C, Dalmora G, Gasparly LMB et al. Brinquedo pode ser contagioso? *Rev Paul Pediatría* 1997;15:77-81.
26. Waksman RD. Selecionando brinquedos apropriados para crianças pequenas: o papel do pediatra. *Correios da SBP – PRONAP - Leituras Orientadas* 2004;1:16-20.
27. MERCOSUR/GMC/RES. N° 23/04. Reglamento técnico mercosur sobre seguridad en juguetes (DEROGACIÓN DE LA RES. GMC N° 54/92). Disponível em: <http://www.mrree.gub.uy/Mercosur/GrupoMercadoComun/Reunion55/AnexoIII/RES23-04.htm>